

[CRISTIANE MESQUITA]

Doutora em Psicologia pelo Núcleo de Subjetividades Contemporâneas da PUC-SP; docente e pesquisadora do Programa de Mestrado em Design da Universidade Anhembi Morumbi. Atua como consultora de projetos criativos e como curadora do *ziguezague: desfiles incríveis, conversas transversais, oficinas transitivas* (MAM/SP). É co-organizadora de *Moda em ziguezague: interfaces e expansões*, autora de *Moda contemporânea: quatro ou cinco conexões possíveis* e diretora do documentário *Jardelina da Silva: eu mesma*. Assina a criação e o design da linha de produtos I L H A (ilhailha.wordpress.com).
E-mail: kekei@comum.com

Para a finalização das filmagens do documentário¹ conduzido pelas letras do alfabeto, a entrevistadora Claire Parnet apresenta o termo *ziguezague* a Gilles Deleuze. O filósofo faz digressões enigmáticas que conduzem o espectador em rasantes pelo voo da mosca, pelas teorias Zen e pela origem do universo².

O *ziguezague* aparece em outros momentos da obra de Deleuze, inclusive na escrita em parceria com o psicanalista Felix Guattari³. Em torno das abordagens, aquilo que os autores não deixam de ressaltar é o efeito de um movimento que promove uma "diferença de potencial". Em outras palavras, a *perspectiva z* vive da itinerância entre variáveis e planos e se distingue de outros movimentos na transversal por produzir diferenciais nos campos de origem. Dessa forma, tomar o *movimento z* como verbo significa criar relações e interlocuções, mas, principalmente, instaurar (novos) potenciais.

Nesta edição de [ziguezague], o convidado Luciano Bedin da Costa tece comentários a partir do desfile *A noite dos desesperados*⁴, do designer inglês Alexander McQueen.



Esse trabalho foi inspirado no filme *They shoot horses, don't they?*, dirigido por Sydney Pollack (1969)⁵. O desfile faz diversas referências literais ao filme, a começar pelos casais de modelos e bailarinos que, inicialmente, ocupam o salão com uma coreografia glamourosa. Na segunda parte da apresentação, os pares encenam uma corrida descompassada, que desestrutura corpos e roupas, transformando o encantamento inicial em cansaço, exaustão e esgotamento. O final do desfile-baile é constituído por movimentos sófregos, entremeados por tropeços e quedas. As modelos se desequilibram e são arrastadas por seus parceiros. A atmosfera final é de fadiga e tira o fôlego também do espectador.

Uma complexa tessitura de elementos cênicos – cenário, design de luz, trilha sonora e coreografia – potencializa diversas associações com a subjetividade contemporânea: a incessante maratona das novidades, a exigência por velocidade e produtividade, as lógicas neoliberais de exploração do humano, o esmagamento da força vital, entre outras.

Em sua introdução, Costa menciona algumas dessas possibilidades. No entanto, rapidamente e em perspicaz *ziguezague*, nos retira do campo das interpretações para nos conduzir ao invisível. Nessa passarela, promove um encontro entre Alexander McQueen e Roland Barthes, entre presença sensível e ausência imagética, entre a vida e a própria morte como possibilidade de afirmação da vida. A linha de fuga proposta por ele funciona como o escape da mosca, mencionado por Deleuze: na transversal, o inseto foge das mãos humanas. Não propriamente para vencê-las, mas para inventar uma rota imprevisível e improvável, de modo a se manter viva.

[LUCIANO BEDIN DA COSTA]

Doutor em Educação e professor adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisa relações entre biografia e ficção. É organizador do livro *Vidas do fora: habitantes do silêncio* e autor de *Estratégias biográficas: biografema com Barthes, Deleuze, Nietzsche e Henry Miller*.

E-mail: bedin.costa@gmail.com

Disparition: o insólito encontro entre Alexander McQueen e Roland Barthes

11 de fevereiro de 2010. 19h01. Paris, jornal *Le Monde Diplomatique*. "O estilista Alexander McQueen foi encontrado morto em seu domicílio; provavelmente tratou-se de um suicídio." Segundo o jornal britânico *Daily Mail*, o corpo foi encontrado enforcado em seu apartamento de luxo em Londres, nove dias após a morte de sua mãe, Joyce. A polícia foi chamada em torno de 10h30. O corpo do estilista foi retirado numa maca às 16h30, envolto por uma coberta marrom.

26 de outubro de 1977. Paris. No dia seguinte à morte de sua mãe, Roland Barthes começa seu *Diário do luto*⁶. Escreve à tinta, por vezes a lápis, sobre fichas que ele mesmo prepara com folhas comuns cortadas em quatro, as quais conserva sempre ao lado de sua mesa de trabalho. Publicaria uma série de artigos para jornais e revistas durante o ano seguinte. Entre abril e junho de 1979 escreveu *A câmara clara*, o último livro efetivo publicado em vida. O último Barthes é escrito sob o signo da morte da mãe. Ele morre em 26 de março de 1980, um pouco mais de dois anos após a partida de Henriette, a insubstituível figura materna.

13 de fevereiro de 2011. De acordo com o *Daily Mail*, um pouco antes de ser levado pela perícia, um rapaz de cabelo curto e loiro afoitamente pede para entrar na residência do estilista. Ele aguarda o trabalho da perícia sem conseguir conter as lágrimas enquanto fala ao telefone móvel. Ele diz ser namorado de Alexander McQueen.

25 de janeiro de 1980. Mesmo contrariado, Roland Barthes deixa-se fotografar como poucos. Sua imagem é preenchida de um charme aristocrático, seus lábios portam o cigarro que é também o cigarro de Samuel Beckett, de Francis Ponge e de tantos outros escritores. Barthes é velho e bonito. Seu rosto é invadido por sombras perfeitas e a flacidez da pele confunde-se com a textura prateada de sua fotografia em sépia. Éric Marty é o biógrafo de Roland Barthes em vida. Marty é o aluno e amigo de Barthes, aquele que recebe um telefonema dizendo: "Roland sofreu um acidente...". Barthes é atropelado por uma camioneta ao atravessar a rua em frente à Sorbonne, em Paris. No hospital, recebe a visita do amigo que vê nos olhos do escritor o olhar de desespero, do tipo verificado nos prisioneiros de morte. Escreve Marty:

O quarto é branco, tão claro a ponto de quase cegar, ele está deitado numa cama mais alta do que as camas normais, o que dá a sensação de um corpo em exposição, sem mais nenhum elo com o solo, o corpo coberto por um lençol branco e repleto de tubos, de fios de controle, corpo que perdeu toda a sua existência vital. Mas, esse corpo estrangeiro, não-humano, está ligado à uma cabeça desesperada, que me olha enquanto atravesso lentamente o quarto para me aproximar dele.⁷

Marty passa os dias ao lado do amigo que haverá logo de morrer. "Fiquei ao lado da sua cama, quis pegar na sua mão, mas fiquei achando que ele podia ler no meu rosto a sua própria morte, então virei o rosto e saí sem dizer quase nada". A morte enfim chega e Éric Marty é o primeiro a vê-lo. Na sua memória, o rosto do amigo Barthes tinha voltado ao normal.



DISPARITION I: a morte lida no rosto do outro⁸

1º de fevereiro de 2010. Logo após a morte da mãe, McQueen escreve no Twitter: "do céu ao inferno e novamente de volta, a vida é uma coisa estranha. A beleza pode vir do mais estranho dos lugares, até mesmo do mais repugnante". Alexander McQueen foi encontrado por sua empregada ao chegar pela manhã ao apartamento. Ela se depara com o corpo asfíxiado junto ao armário. Algumas roupas espalhadas pelo chão. Um pequeno bilhete é encontrado próximo ao corpo: "Por favor, cuide dos meus cachorros. Desculpa, eu te amo. Lee".

McQueen se enforcou? A perícia e os tabloides confirmam. Teria Barthes provocado sua morte ao se deixar colidir com o carro em frente à Sorbonne? – provavelmente. Alguns biógrafos defendem a tese de que Barthes teria, mesmo que inconscientemente, provocado seu suicídio. Ainda que não confirmado o suicídio, a ideia de suicídio é lançada, o que já é, por si só, um elemento capaz de romper com a normalidade de uma vida, com o que se espera de uma vida, abrindo-a (mesmo que violentamente) a um fora até então impensável.

Em *Suicídios exemplares*, os personagens de Enrique Vila-Matas vivem com a obsessiva ideia de se matar⁹. Eles não se matam porque algo sempre acontece. Mas a possibilidade do suicídio, o fato de ele ser pensável dentro de suas vidas faz com que um campo outro de possíveis se estenda diante das minúsculas vidas desses mesmos personagens. Alan Pauls escreve na orelha do livro:

sofisticada ou impulsiva, ponderada ou captada no ar em um instante de tédio, a ideia de suicídio nunca é aqui um signo de derrota. É um princípio de potência: algo na vida range, se abre e começa a ser possível – algo desconhecido, que até então não tinha rosto nem forma, e que agora, de repente, parece exercer uma sedução irresistível. Isto é o bel morir segundo Vila-Matas: a deliciosa, a absurda toxidade estética de um sonho de morte bem sonhado em vida (...). No livro, o suicídio jamais é fruto de uma desistência; é a ideia na qual se encarna a Grande Vontade que anima toda a ficção de Vila-Matas: a vontade de viver uma vida diferente.

[48]

O suicídio é o ato; a morte é a presença. Mesmo que sem sucesso, a tentativa suicida dispara a morte da qual se tenta escapar. O suicídio é como o dique capaz de conter a eternidade de um futuro. É a morte disparatada, o insano ato da morte em vida, com fragrância azeda e, por vezes, agridoce. O suicida dispara. Dispara contra si o futuro até então intocável, invisível e inaudito da morte. Uma ausência disparatada, rápida, breve. O suicídio é um incapturável.

A morte em prestações incontáveis tem um outro nome: desaparecimento. O suicida é também um desaparecido. Ele não está morto porque sua morte não pode ser anunciada. Para os que ficam, sua morte se faz sob signo do cochicho, da informação rumorosa, tonalizada por constrangimento e culpa. O desaparecido dispara sua ausência e não sua morte. Alguém, algum dia, o encontrará. Alguém, algum dia, encontrará um sentido que baste e que acalente a morte até então inexplicável. Mas o dia não chega. É como os personagens de Sartre em *Entre quatro paredes*: nós não estamos mortos, nós estamos apenas *ausentes*¹⁰. O desaparecido é a permanente presença nessa grande noite sem fim.

Na língua francesa, a presença dessa ausência tem um nome: *disparition*. O vocábulo francês engloba dois atos que, embora íntimos, mostram-se distantes: 1. o ato de morrer; e 2. o ato de desaparecer. Ao nível semântico, desaparecimento e morte se encontram. Sob regime do significante, *disparition* é também disparar, disparate, disparação. *Disparition*–dispar–desigual. Trata-se do paradoxo, da força do paradoxo, dos supostos contrários colocados num mesmo plano, de uma conjunção que é sobretudo disjuntiva. Morrer e desaparecer, juntos. O perpétuo repouso e a errância de um movimento que não finda. O absoluto na morte e o intangível no desaparecimento.

Na *Noite dos desesperados* de McQueen¹¹ todos dançam. Gosto da música, dos movimentos, da pálida coreografia e das roupas. Gosto e me permito gostar sem conhecimento prévio. Gosto no exato instante do que vejo, na exata presença do que

escuto. Mas uma coisa me escapa. Quero o homem McQueen e não o vejo. Busco-o em cada amarelado detalhe da roupa em movimento e não o encontro. Procuo-o incessantemente. Remexo coisas já vistas. Retrocedo. Eu o quero e ele não me basta. McQueen é para mim uma ausência. Lembro, não por acaso, de Roland Barthes numa desesperada noite de novembro, após a morte de sua mãe, organizando as fotos e querendo encontrá-la no álbum de fotografias familiar.

Essas fotos que eu tinha dela, eu não podia sequer dizer que gostava delas: não me punha a contemplá-las, não mergulhava nelas (...) eu lia minha inexistência nas roupas que minha mãe tinha usado antes que eu pudesse me lembrar dela. Há uma espécie de estupefação em ver um ser familiar vestido de *outro modo*.¹²

E continua:

Eis, em torno de 1913, minha mãe em traje de passeio, gorro, plumas, luvas, tecido delicado que surge nos punhos e na gola, de um *chique* desmentido pela simplicidade de seu olhar. É a única vez que a vejo assim, apanhada em uma História (dos gostos, das modas, dos tecidos): minha atenção desvia-se então dela para o acessório que pereceu; pois a roupa é perecível, ela forja para o ser amado um segundo túmulo.

Barthes encontrará a mãe numa fotografia desta com 5 anos de idade. Naquela foto – sem Barthes – a mãe está, com toda sua ausência e encharcada de presença.

Então me deparo com Alexander McQueen e Roland Barthes sob o signo do último, da morte – em vida –, do desaparecimento. A ideia de último neles me punge. Avanço, então, para o derradeiro nessas duas vidas, mesmo não sabendo muito bem o que isso significa. Chego ao último desfile de McQueen em vida, intitulado Plato's Atlantis (2010). Percorro o vídeo com minúcia. Observo cada detalhe. Assim como a sua *noite dos desesperados*, ele me puxa. Ao final, McQueen aparece no fundo da imagem; no azulado e ruidoso cenário, entre música e palmas, o branco de sua camisa ganha uma inesperada presença. Com passos apressados, reaparece de maneira brusca e grandiosa. Ele não circula pelo tablado como nos desfiles mais tradicionais. O que tenho é apenas o aceno e a rápida – e tímida – retirada, sumindo na densa e turva nuvem que finda a imagem gravada. Quero-o. Retrocedo. Coloco-o em câmera lenta. A dança é lenta e muda transição do adeus na dureza de cada frame.

O vídeo a que assisto tem 5.548 frames. Percorro-o um a um como Barthes percorre as fotografias de sua mãe no álbum familiar. No frame 5.499 eu o encontro em meu platônico sonho de capturar a essência de uma coisa para sempre fugidia. McQueen está ali para mim. A Atlântida de Platão é para mim essa presença curvada. O frame carrega o apolíneo sonho do encontro com o instante que é por si só incapturável. Em *Para além do bem e do mal* Nietzsche escreve que quinhentas são as mãos necessárias



para que possamos capturar um instante. Teria quantas mãos esta minha fotografia?

DISPARITION II. O frame 5499¹³.

Marcel Proust escreve: "Nada deixamos de nós senão o que pode ganhar vida nos outros". McQueen deixa-me sozinho em sua ausência. Volto à fotografia 5.499, vazada pelos pixels que insistem em deformá-la. O desaparecido tem baixa definição. Crio para mim um corpo que não me olha em seu olhar cabisbaixo. Estamos para sempre apartados e no entanto nunca estivemos tão íntimos. A foto tem as costas eternamente viradas para mim. Em toda sua ausência, McQueen está. "Que bom encontrar um homem quando se esperava encontrar meramente um autor."¹⁴ Concordo com Roland Barthes. Sai à procura do estilista, encontrei Alexander McQueen e ele

NOTAS

[50]

[1] BOUTANG, Pierre-André; PARNET, Claire. Letra z. O abecedário de Gilles Deleuze. Filmado nos anos 1988-1989, lançado pelas Éditions Montparnasse, Paris, 1994-1995. Tradução e legendas: Raccord [com modificações]. Transcrição disponível em: <http://www.oestrangeiro.net/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=67>. Acesso em: 10 maio 2010.

[2] Z de ziguezague. Fragmento do documentário disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Ro9ls5PNGes>>. Acesso em: 16 out. 2010.

[3] Para Deleuze e Guattari, uma das qualidades do movimento ziguezague pode ser observada na dança de acasalamento do peixe esgana-gata, espécie comum em água doce da região atlântica e mediterrânea. Eles descrevem a dança do macho — que muda de cor e constrói ninho — para induzir a fêmea grávida a segui-lo para o abrigo onde os ovos serão fertilizados. Assim o esgana-gata garante a vida: "seu ziguezague é um motivo onde o zigue esposa uma pulsão agressiva em direção ao parceiro, o zague uma pulsão sexual em direção ao ninho, mas onde o zigue e o zague são diversamente acentuados, e mesmo, diversamente orientados". DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 4. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997, p. 125.

[4] Disponível em <http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=5siNOHwthKU> (parte 1) e <<http://www.youtube.com/watch?v=K5TSvDXznX8&feature=related>> (parte 2). Acesso em: 24 jan. 2011.

[5] O filme foi baseado na obra homônima do escritor e jornalista americano Horace McCoy (1935) e é ambientado em um concurso de dança que impunha aos casais inscritos a tarefa de passar dias e noites dançando, até a exaustão. A intensidade da maratona, a autoridade dos patrocinadores, o poder da mídia, a iluminação do salão de baile e a efusiva torcida de apostadores aproximava o concurso de dançarinos ao universo das corridas de cavalos. Mendonça (2010) descreve detalhadamente o filme e analisa o desfile de McQueen a partir de diversas analogias. Veja: MENDONÇA, Márcia Helena de. *A Noite dos Desesperados – uma representação de Alexander McQueen IN e-tec*. Revista Científica do Departamento de Tecnologia do UNI-BH, v. 3, n. 1 (2010). Disponível em: <<http://revistas.unibh.br/dtecc/viewarticle.php?id=42>>. Acesso em: 20 jan. 2011.

[6] BARTHES, Roland. *Journal de deuil*. Paris: Éditions du Seuil, 2009.

[7] MARTY, Éric. *Roland Barthes: o ofício de escrever*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

[8] Imagem retirada da capa do livro BARTHES, Roland. *Leksija*. Sérvia: Loznica, 2009.

[9] VILA-MATAS, Enrique. *Suicídios exemplares*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

[10] SARTRE, Jean Paul. *Huis Clos: suivi de Les Mouches*. Paris: Gallimard, 1947.

[11] Trata-se do desfile primavera-verão 2004 de Alexander McQueen, *Desperate's Night / They shoot horses, don't they?*, uma referência ao filme de Sydney Pollack, *They shoot horses, don't they?*

[12] BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

[13] Frame retirado do desfile Plato's Atlantis (2010). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=RTUif6sgv8E>>. Acesso em: 20 jan. 2011.

[14] A morte do autor. In: BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.